

JOÃO LOPES DE FARIA

Pedimos licença ao sr. Alberto Vieira Braga, e à excelente revista Gil Vicente para reproduzir, e deixar, assim, arquivado no nosso Boletim, o justo e carinhoso artigo que aquêlle illustre etnógrafo vimaranense escreveu, e o Gil Vicente editou, a respeito do Sr. João Lopes de Faria, conhecido e probo arqueólogo de Guimarães, há meses falecido. Foi, o Sr. João Lopes de Faria, freqüentador assíduo do Arquivo Municipal de Guimarães, desde o dia 25 de Outubro de 1934 até 12 de Junho de 1940.

Não se passou um dia durante êsses seis anos que não subisse as escadas desta casa e se sentasse no seu lugar, a pesquisar informações, a compulsar códices ou pergaminhos, a colher aquelas notícias de realidades históricas que deixou espalhadas em várias publicações onde colaborou.

Nesse dia 12 de Junho de 1940, despediu-se de um de nós, alegando que já não via bem, e se sentia cansado. Afez-se rapidamente a esta casa. Era vulgar vê-lo a rondá-la, na meia hora que antecedia a hora da abertura — na ânsia mal reprimida de continuar os seus trabalhos. Consideravamo-lo já como que funcionário do Arquivo, pela sua assiduidade, pela sua delicadeza inquebrantável, pelo carinho com que nos prestava qualquer informação que se lhe pedia.

Tinha fisma de misterioso e excêntrico. Nunca o foi para nós, aqui. Concentrado, silencioso — sim. Mas de uma urbanidade encantadora.

A sua sombra serena e amiga anda por aqui, por estas duas pobres salas, envolta em névoas de saúde.

ALFREDO PIMENTA
RODRIGO PIMENTA.

João Lopes de Faria, falecido em 7 de Novembro passado, era filho de António Lopes de Faria, antigo e humilde funcionário da Colegiada, e de Constância Rosa. Nasceu na freguesia da Oliveira a 21 de Setembro de 1860.

Instruiu-se nas primeiras letras, na escola particular do velho professor Francisco António Almeida, que mantinha um curso rudimentar na simpleza das matérias de instrução primária.

Depois educou o seu espírito na paixão do canto e da música, logo de moço, quando aos 8 anos deu rumo de ocupação à sua vida, no ambiente místico e claustral da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, servindo a igreja e os cônegos, na modéstia do seu cargo e com a humildade da sua educação.

Lucínio Fernandes da Trindade, director e regente da capela e da banda de música «Boa União», deve-lhe as primeiras lições de solfejo.

O cônego José de Aquino, lingüista e poeta, músico e jornalista, foi quem exerceu grande influênciã no temperamento artístico de João Lopes, encarreirando a sua vocação cautelosamente, e sempre amparada de auxílios e de ensinamentos.

Mais tarde, já senhor de apreciável cultura musical e de grande treino, discípulo e companheiro do consagrado maestro Padre Eugénio da Costa Araújo Mota, foi um especializado cantor e um apurado organista, que o Cabido escolheu e manteve para prestígio e esplendor das suas antigas festividades corais.

Em 7 de Março de 1889, substituiu oficialmente o organista Francisco Pedro da Costa Rocha Viana, o celebrado musicógrafo mais conhecido por «Venâncio». Foi o décimo-oitavo e último organista de Nossa Senhora da Oliveira.

João Lopes, capa negra da Colegiada, viveu ali, no apogeu esplendoroso das mais ricas festas da Oliveira e na majestade de um culto cheio de beleza e de tradições, onde as murças e os paramentos do mais recamado ouro se casavam com tôda a riqueza dos objectos litúrgicos, a melhor vida, ansiada de fé e amor, e a mais triste vida, porque assistiu, no apêgo firme do seu pôsto, à derrocada de tôda uma herança patriarcal, ao extermínio de um Cabido, Instituição de muitos séculos, que brilhava no fervor de uma terra essencialmente católica e vaidosa do seu património, Instituição honrosa, de pergaminhos nobres, sempre garan-

tida e protegida por inúmeros privilégios reais e sustentada por um casco sólido de proventos vários, de rendas dos seus caseiros, dos seus foros e dos seus préstamos.

A Colegiada era rica de bens, de tradições e de seculares honrarias. Mas não quedaram as aptidões de João Lopes no culto e exercício da música.

E aos 29 anos, já organista da Oliveira, quando era cartorário da Colegiada o simpático e conversador Padre Abílio Augusto de Passos, enveredou pelo caminho da investigação, beneditinamente, sôfregamente.

Treinou-se ali, no difícil valor da paleografia. Copiou todos os documentos de merecimento. Traduziu todos os pergaminhos de arresada leitura.

Assim caminhou, desde os 29 anos aos 80, nesse labor incessante de investigação, pelo amor da História e da Tradição de Guimarães, durante uma vida estirada de 51 anos, fatigando a vista e o cérebro no debruço constante sôbre os papéis encarquilhados e os livros poeirentos.

Janeiro de 1945.

ALBERTO V. BRAGA.